



**Universiteit
Leiden**
The Netherlands

Sonho do supergrupo desfez-se: aliança da direita radical no Parlamento Europeu caiu por terra: [Radical aight alliance in the European Parliament fell apart]

Gürkan, S.

Citation

Gürkan, S. (2024). Sonho do supergrupo desfez-se: aliança da direita radical no Parlamento Europeu caiu por terra: [Radical aight alliance in the European Parliament fell apart]. In *Expresso*. Retrieved from <https://hdl.handle.net/1887/4180762>

Version: Publisher's Version

License: [Leiden University Non-exclusive license](#)

Downloaded from: <https://hdl.handle.net/1887/4180762>

INTERNACIONAL UNIÃO EUROPEIA

Extrema-direita Orbán tentou juntar Meloni e Le Pen, mas falhou. Italiana ainda sonha com comissário relevante

Sonho do supergrupo desfez-se

HÉLDER GOMES

Antes das eleições europeias de junho, o primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, sonhava com uma grande aliança da direita radical. A fusão entre o grupo dos Conservadores e Reformistas Europeus (ECR) e o Identidade e Democracia (ID) levaria à formação do segundo maior bloco político do Parlamento Europeu. Isso implicaria um entendimento entre a primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni, e Marine Le Pen, a eterna candidata à presidência francesa. Mas só Le Pen se mostrou verdadeiramente interessada na união.

Contados os votos e distribuídos os deputados sem poiso pelos diferentes grupos, o ECR ascendeu à terceira posição, atrás do Partido Popular Europeu (centro-direita) e dos Socialistas e Democratas (centro-esquerda). Contudo, na véspera de assumir a presidência rotativa do Conselho da União Europeia (UE) neste segundo semestre de 2024, Orbán foi a Viena anunciar a criação do Patriotas pela Europa (PPE), que ultrapassou o ECR em pouco tempo — e com nova transmissão de partidos e deputados. Uma dezena de dias depois surgia novo grupo de extrema-direita: Europa das Nações Soberanas (ESN), que ficou no fim da tabela e é alavancado, essencialmente, pelo partido Alternativa pela Alemanha, expulso do ID pouco antes das europeias.

Agora as contas são outras: a fusão dos eurodeputados do PPE (54), ECR (78) e ESN (25) levaria a um supergrupo de 157, apenas menos um do que o PPE. Mas tal meta ambiciosa, de ombrear com a maior família política, parece completamente afastada.

Apoio à Ucrânia divide

Susi Dennison, diretora sênior do grupo de reflexão European Council on Foreign Relations (ECFR) para a estratégia e transformação, considera "muito pouco provável" um cenário de união dos três grupos. Não apenas devido às "relações tensas entre os diferentes partidos", mas também porque "Meloni, em particular, está



Afinal, Viktor Orbán e Giorgia Meloni não ficam no mesmo grupo político europeu

muíto apostada em seguir outra linha — no interesse do seu grupo político e no interesse nacional italiano", afirma ao Expresso.

Um "exemplo claro" do quão "desafiador" seria os três grupos trabalharem em conjunto é o apoio à Ucrânia. "Vimos Orbán, na sua chamada 'missão de paz', a tentar trazer outros dirigentes para a ideia de pôr fim ao conflito, sem que isso se baseie na paz que os ucranianos querem, ou seja, na recuperação do seu território",

APÓS O VOTO CONTRA
DOS IRMÃOS DE ITÁLIA
PARA A SUA
RECONDUÇÃO, VON DER
LEYEN "NÃO FICA A
DEVER NADA A MELONI"

acrescenta. Já os Irmãos de Itália, de Meloni, e muitos outros partidos do ECR têm adotado "uma linha muito mais favorável ao consenso europeu em torno da necessidade de apoiar a Ucrânia o tempo que for necessário".

Seda Gürkan, professora assistente no Instituto de Segurança e Assuntos Globais da Universidade de Leiden, nos Países Baixos, reforça que as fissuras ficaram expostas no primeiro debate em plenário da nova legislatura. A propósito do "apoio contínuo da UE à Ucrânia", "o ECR votou com o bloco pró-europeu e não com o bloco pró-Putin [PPE e ESN]". Tal não significa, adverte ao Expresso, que em certos assuntos, como "Estado de direito, migrações ou Orçamento da UE", estes três grupos não venham a cooperar.

Adam Bartha, diretor do Epicenter — Centro de Informações de Política Europeia, traça linhas de demarcação. "Embora a sobreposição ideológica entre PPE e ESN seja grande, os seus interesses políticos divergem. As principais vozes soberanistas são de

partidos antissistema que estão muito longe de governar os seus países, enquanto o Reagrupamento Nacional [de Le Pen], o maior partido dos PPE, nunca esteve tão perto do poder em França", distingue ao Expresso. E há, lembra, o Fidesz, de Orbán, segundo maior partido dos PPE, que governa a Hungria há 14 anos.

O ECR pertence a "uma categoria diferente: muitos dos seus partidos estão ou estiveram em funções governativas e contribuíram para dossiers legislativos durante o último mandato do Parlamento Europeu". Por isso "o ECR desempenhará um papel muito mais construtivo na política europeia e as forças centristas do Parlamento poderão encontrar terreno razoável de cooperação".

O fator Giorgia Meloni

Correndo em pista própria e escapando ao cordão sanitário que tem afastado a extrema-direita de posições de topo, Meloni continua a ser uma pedra no sapato em vários campos. Orbán

não lhe perdoa a recusa em participar numa grande aliança, enquanto Ursula von der Leyen não esquecerá que, apesar de ter andado a cortejá-la antes das eleições, não contou com o voto do partido de Meloni para a recondução como presidente da Comissão Europeia. O amargo de boca já vinha de trás: a italiana não gostou de ver o seu país excluído dos *top jobs*. E agora, após o voto contra a alemã, poderá sonhar com uma pasta de peso para o próximo comissário italiano?

"Ainda é incerto, mas parece pouco provável. A estratégia de Von der Leyen centrou-se em assegurar a eleição a qualquer custo", diz Georgios Samaras, professor assistente de Políticas Públicas no King's College de Londres, ao Expresso. Não tendo tido o apoio de Meloni, o mais certo é que a presidente da Comissão "prossiga com a agenda do seu PPE" e que a "cordialidade" entre ambas "diminua no futuro".

Para a responsável do ECPR, muito dependerá dos nomes que sejam apresentados a Von der Leyen. "É certo que não fica a dever nada a Meloni depois da votação e do trabalho que teve para garantir o lugar. E, por conseguinte, poderá sentir-se confiante para tomar a decisão que lhe faça mais sentido", afirma Dennison. O anunciado novo comissário para o Mediterrâneo poderá ser "de grande interesse para os italianos", sugere, ainda que "de menor importância" face às pastas que Meloni ambicionaria, como a Economia, o Comércio ou as Relações Externas.

Raffaello Fitto, ex-eurodeputado e atual ministro dos Assuntos Europeus do Governo Meloni, é um dos nomes mais ventilados como potencial nomeado por Roma para comissário. "Fitto quer a pasta da Concorrência, o que seria má notícia para o mercado único, porque significaria ainda mais intervenção estatal e mercados menos competitivos", acautela Bartha.

O diretor do Epicenter sugere que "a segunda melhor opção para Itália seria a pasta da Imigração, mas mesmo esta poderá ser difícil de obter". A menos que Meloni esteja disposta a nomear alguém do Força Itália, partido de centro-direita que faz parte da sua coligação governativa e que votou em Von der Leyen, ao contrário dos Irmãos de Itália, remata o perito.

hgomes@expresso.impressa.pt

PERFIL

FRANÇA

Lucie Castets

A aposta da esquerda
para chefiar o Governo

Economista, funcionária, ávida defensora dos serviços públicos, pode ser nomeada por Emmanuel Macron, mas não tomará posse tão cedo

Após duas semanas de hesitações, a Nova Frente Popular (esquerda) chegou a acordo sobre quem deve chefiar o futuro Governo: Lucie Castets. Pouco conhecida, a economista tem 37 anos e perfil mais tecnocrata do que político.

Estudou no prestigiado Instituto de Estudos Políticos de Paris antes de ingressar na Escola Nacional de Administração em 2012 — um *must* para altos funcionários públicos franceses. Dedicou a carreira à defesa do serviço público, quer dizer, reconstruir. "A degradação dos serviços públicos foi um dos fatores que alimentaram o voto no Reagrupamento Nacional", disse Castets à rádio France Inter, mencionando o partido de extrema-direita. "Que-

remos adotar medidas no sentido de melhorar o funcionamento dos serviços públicos", continuou, afirmando que as "questões ecológicas são absolutamente cruciais para o futuro da nação".

Entre as suas principais prioridades, a candidata refere a revogação da polémica reforma das pensões de Emmanuel Macron, uma reforma fiscal para garantir que todos paguem "a sua legítima fatia", e "melhoria do poder de compra".

Sem acordo com Macron

Castets quer "procurar coligações" no Parlamento, mas acha impossível uma aliança duradoura com o campo do Presidente liberal. "Não pode haver coligação entre os que pensam que se deve investir nos serviços públicos e os que pensam que os recursos devem ser cortados", explicou. "Não há acordo possível entre os que querem que todos paguem a sua parte de impostos e os que propõem reduções de impostos para os mais favorecidos." Militante do Partido Socia-



lista entre 2008 e 2011, garante já não ter vínculo partidário. "Tenho uma personalidade à parte, fora do mundo da política", insistiu ao canal France Inter.

Durante a sua carreira, lutou pela justiça social, ecologia, casamento

homossexual, igualdade de género. Trabalhou no combate à fraude fiscal e ao branqueamento de capitais. Desde 2023, é diretora de Finanças do município de Paris.

"Estamos a falar de uma cidade cuja dívida mais do que duplicou em menos de 10 anos", afirmou Pierre-Henri Dumont, do partido conservador Os Republicanos. "Arruinou Paris" e "pode fazer o mesmo a França", acrescentou Sébastien Chenu, do RN.

Castets rejeitou as acusações. Diz-se "orgulhosa de ter participado no financiamento de projetos a que, a longo prazo, irão melhorar a vida dos parisienses, nomeadamente em termos ecológicos", e acrescentou que a dívida de Paris "não chega aos calcanhares da do Estado francês". Dizendo-se "pronta" a assumir o cargo de primeira-ministra "com humildade e convicção", Castets criticou o Presidente, que não conta nomear o chefe de Governo antes de meio de agosto.

MARIANA ABREU

Correspondente em Paris
internacional@expresso.impressa.pt